

Uma dor tão doce

David Nicholls

Tradução de Carolina Selvatici



SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Parte Um: Junho

O fim do mundo

Serragem

Baladas

Infinito

O campo

Cooperativa de Teatro A Trinta Pés

Primeira vista

Minha mãe

É para se comportar

Esquinas

O jogo dos nomes

Romeu

A volta para casa

Parte Dois: Julho

Casamento

Cegonha

Canela

Pai

Sansão

Nervosismo

Inícios

Hobbies e Interesses: Socializar

Espadas

Pigmaleão

Curtindo

Frascos marrons

Cultura

A Seção de Jazz

Risadas falsas

Improvisação

Possibilidades

Exames

Máscaras

Angler's

Os Pinheiros

A Rainha Mab

Parte Três: Agosto

Amor

Ensaio

Rio

Starry, Starry Night
Imprensa e propaganda
Trabalhando
“Comprei uma mansão de amor”
Sr. Howard
Cicatrizes
Fórceps
Vergonha
Festa
Casa
Resultado
Balanços e escorregadores
Canadá, Málaga, Rimini, Brindisi
Pequenas estrelas
Última noite

Parte Quatro: Inverno

1998
2x 4x 8x 16x
Escavando
A última história de amor
Prazer
A cortina se fecha

Agradecimentos

Sobre o autor

Leia também

Para Hannah, Max e Romy

O que nós, ou pelo menos eu, considero diretamente como memória — ou seja, um momento, uma cena, um fato que foi sujeitado a um fixativo e, assim, resgatado do esquecimento —, na verdade é um tipo de contação de histórias que acontece de modo contínuo na mente e muitas vezes muda ao ser contado. Existem vários interesses emocionais conflitantes envolvidos para que a vida se torne totalmente aceitável, e talvez seja o trabalho do contador de histórias reorganizar as coisas para que se adaptem a esse fim. Seja como for, ao falar sobre o passado, mentimos sempre que inspiramos.

William Maxwell, *Adeus, até amanhã*

Parte Um

JUNHO

Foi no verão em que, por muito tempo, ela não havia sido membro de nada. Não pertencera a nenhum clube e não tinha integrado nada no mundo. Frankie se tornara uma pessoa isolada, que ficava parada perto das portas e com medo.

Carson McCullers, *A convidada do casamento*

O fim do mundo



O mundo terminaria em uma quinta-feira, às cinco para as quatro, imediatamente após a festa.

Até lá, o mais próximo que chegaríamos de um cataclismo desse tipo em Merton Grange seria com os boatos sobre o apocalipse que reinavam sobre a escola uma ou duas vezes por semestre, as circunstâncias basicamente sempre as mesmas. Nada tão banal quanto uma erupção solar ou um asteroide. Em vez disso, um tabloide mencionava alguma profecia maia, algum comentário aleatório de Nostradamus ou uma simetria estranha do calendário, e se espalhava o boato de que nossos rostos iam derreter no meio dos dois tempos da aula de física. Resignado à histeria, o professor suspirava e parava a aula enquanto discutíamos quem tinha o relógio mais preciso e a contagem regressiva começava, as meninas agarradas umas às outras, os olhos fechados e os ombros curvados como se prestes a serem banhadas com água gelada, os meninos enfrentando tudo com coragem, todos nós contemplando no íntimo o beijo perdido, a aposta não resolvida, nossa virgindade, o rosto dos nossos amigos, nossos pais. Quatro, três, dois...

Prendíamos a respiração.

Então alguém gritava “bang” e nós ríamos, aliviados e um pouco decepcionados ao perceber que estávamos vivos, mas vivos com dois tempos de aula de física.

— Satisfeitos agora? Vamos voltar ao trabalho, então?

E voltávamos ao que acontecia a um corpo quando a força de um Newton o fazia se mover um metro.

Mas, na quinta-feira, às três e cinquenta e cinco, logo depois da festa, as coisas seriam diferentes. O tempo havia se arrastado por cinco longos anos, e, naquelas semanas finais, depois naqueles dias, um clima de alegria e pânico, felicidade e medo começou a tomar conta de todos, junto de um niilismo enlouquecido. Bilhetes para casa e castigos não nos afetavam mais — então, do que poderíamos nos livrar naquele mundo sem consequências? Nos corredores e salas comuns, os extintores de incêndio ganharam um terrível potencial. Será que Scott Parker diria mesmo aquelas coisas à Sra. Ellis? Será que Tony Stevens incendiaria a sala de humanas de novo?

E, inacreditavelmente, o último dia chegou, brilhante, iluminado, começando com conflitos já nos portões. As gravatas da escola foram usadas como bandanas e torniquetes, em nós tão compactos quanto um amendoim ou gordos feito punhos, e havia batons, bijuterias e cabelos azuis suficientes para que a escola se equiparasse a uma boate futurista. O que os professores iam fazer, nos mandar para casa? Eles suspiraram e acenaram para que entrássemos. Sem motivo plausível para definir o que é o braço morto de um rio, a última semana havia sido recheada de aulas incoerentes e desanimadas sobre algo chamado “vida adulta”, que, aparentemente, consistia apenas em preencher formulários e criar currículos (“Hobbies e interesses: socializar, ver TV”). Aprendemos a usar um talão de cheques. Olhamos pela janela para o dia lindo lá fora e pensamos: *Falta pouco agora*. Quatro, três, dois...

De volta à sala de aula no intervalo, começamos a rabiscar as camisas brancas do uniforme com canetinhas e marcadores, crianças curvadas

sobre as costas umas das outras feito tatuadores em uma prisão russa, marcando todo espaço disponível com xingamentos sentimentais. *Se cuida, idiota*, escreveu Paul Fox. *Esta camisa fede*, escreveu Chris Lloyd. Com um humor lírico, meu melhor amigo Martin Harper escreveu *Amigos para sempre* abaixo do desenho detalhado de um pau.

Harper, Fox e Lloyd. Esses eram meus melhores amigos na época, não só meninos, mas *os meninos*. E mesmo que algumas meninas o orbitassem — Debbie Warwick, Becky Boyne e Sharon Findlay —, o grupo era autossuficiente e impenetrável. Apesar de nenhum de nós tocar um instrumento, nós nos imaginávamos como uma banda. Harper, todos sabíamos, era o guitarrista principal e vocalista. Fox era o baixista, um tum-tum-tum baixo e básico. Lloyd, que se autoproclamava “maluco”, era o baterista, o que me deixava com...

— As maracas — tinha dito Lloyd.

Nós rimos, e “maracas” foi adicionado a uma longa lista de apelidos. Fox as desenhou no meu uniforme, maracas cruzadas sob uma caveira, como uma insígnia militar. Debbie Warwick, cuja mãe era aeromoça, tinha contrabandeado uma mala cheia de minigarrafas nos sabores doces que preferíamos — café e creme, menta e coco — e nós as escondemos nos punhos fechados, bebemos, nos arrepiamos e as cuspiamos enquanto o Sr. Ambrose, com os pés em cima da mesa, mantinha os olhos fixos nas imagens de *Free Willy 2* que passavam ao fundo, um presente especial ignorado por todos.

As garrafinhas serviram de aperitivo para nossa última refeição na escola. Ainda nos lembrávamos da lendária guerra de comida de 1994: os sachês de ketchup explodindo sob nossos pés, peixe empanado voando pelo ar feito estrelas ninjas, batatas assadas lançadas como se fossem granadas.

— Vai. Duvido que você faça isso — disse Harper para Fox, quando o viu medindo o peso da salsicha velha que segurava pela ponta.

Mas os professores patrulhavam os corredores feito guardas penitenciários e, com a promessa do bolo e do creme de chocolate que viriam depois, o instante de perigo passou.

Na palestra para os formandos, o Sr. Pascoe fez o discurso que todos esperávamos, nos incentivando a olhar para o futuro, mas lembrar o passado, sonhar alto, mas suportar os momentos de baixa, acreditar em nós mesmos, mas pensar nos outros. O que importava não era apenas que havíamos aprendido — e ele esperava que fosse muito! —, mas também o tipo de adulto que nos tornamos. E nós ouvimos, jovens adultos, presos entre o cinismo e o sentimentalismo, impetuosos por fora, mas no fundo tristes e assustados. Rimos e reviramos os olhos, mas por todo o salão mãos agarravam outras mãos e fungadas eram ouvidas enquanto nos incentivavam a valorizar as amizades que havíamos feito, que durariam a vida toda.

— A vida toda? Nossa, tomara que não — disse Fox, prendendo minha cabeça com o braço e esfregando-a de forma carinhosa com os nós dos dedos.

Era hora da entrega dos prêmios, e nós afundamos nas cadeiras. Prêmios eram entregues às pessoas que sempre ganhavam prêmios, e os aplausos acabavam muito antes de elas deixarem o palco e pararem diante do fotógrafo da imprensa local, posicionando debaixo do queixo os livros que haviam ganhado, como se estivessem em um desfile. Depois, conduzidos pelo Sr. Solomon, o professor de música, a banda escolar de Merton Grange se formou para satisfazer nosso vício pelo som das *big bands* americanas com uma apresentação cacofônica e lenta

de “In The Mood”, de Glenn Miller.

— Por quê? Tipo, *por quê?* — perguntou Lloyd.

— Para nos deixar no *clima* — respondeu Fox.

— Que clima? — falei.

— Um clima péssimo — disse Lloyd.

— “Foda-se”, de Glenn Miller e sua orquestra — afirmou Fox.

— Não foi à toa que ele caiu de avião — lembrou Harper.

E, quando o bombardeio chegou ao fim, Fox, Lloyd e Harper se levantaram num pulo e aplaudiram: *Bravo, Bravo*. No palco, Gordon Gilbert, que parecia enlouquecido, ergueu o bocal do trombone com as duas mãos e o jogou para o alto, bem alto no ar, onde o instrumento ficou por um instante, até cair no chão e amassar como se fosse uma latinha. Então, enquanto o Sr. Solomon gritava na cara de Gordon, nós fomos para a festa.



Mas percebo como estou ausente de tudo que aconteceu acima. Eu me lembro bem o bastante daquele dia, mas, quando tento descrever meu papel, me pego falando sobre o que vi e ouvi e não sobre algo que disse ou fiz. Como aluno, minha característica mais distinta era a falta de distinção. “Charlie trabalha tanto para alcançar um nível mediano e é o que consegue na maior parte do tempo.” Isso era o meu melhor, e mesmo aquela reputaçãozinha havia sido apagada por determinados eventos na época das provas. Eu não era admirado nem desprezado, não era adorado nem temido, não praticava *bullying*, apesar de conhecer alguns que o faziam, mas não intervinha nem me colocava entre a matilha e a vítima, afinal também não era corajoso. Nosso ano

na escola foi marcado por atos criminosos prevalecentes, roubos de bicicleta e de lojas e incêndios, e, apesar de me manter longe dos moleques mais ameaçadores, também não era próximo dos inteligentes e obedientes, premiados com livros. Não me conformava nem me rebelava, não colaborava nem resistia. Ficava longe de problemas sem me envolver com mais nada. A comédia era nossa grande moeda e, apesar de não ser o palhaço da turma, também não era um bobão. Às vezes arrancava uma gargalhada surpreendente da multidão, mas minhas melhores piadas eram abafadas pela voz mais alta de alguém ou eram ditas tarde demais, tanto que, mesmo hoje, mais de vinte anos depois, penso em coisas que deveria ter dito em 1996 ou 1997. Eu sabia que não era feio — alguém teria me dito — e tinha uma vaga noção dos sussurros e risadinhas de grupos de meninas, mas de que isso adiantava para alguém que não fazia ideia do que dizer? Eu havia herdado a altura, e apenas a altura, do meu pai e os olhos, nariz, dentes e boca da minha mãe — do jeito certo, segundo meu pai —, mas também herdara a mania dele de ficar encolhido e curvado para ocupar menos espaço no mundo. Uma alteração fortuita em minhas glândulas e hormônios me poupava das enormes espinhas e cravos que literalmente deixavam cicatrizes em tantos adolescentes, e eu não era magro de ansiedade nem gordo dos salgadinhos e refrigerantes com que nos alimentavam, mas não era confiante em relação à minha aparência. Não era confiante em relação a nada.

À minha volta, os adolescentes ajustavam as personalidades com a mesma deliberação que dedicavam a mudanças de roupas e penteados. Éramos plásticos, mutáveis, e ainda havia tempo para experimentar e alterar nossas caligrafias, visões políticas, risadas, nossa maneira de andar ou de nos sentar, antes de endurecermos e nos firmarmos. Os últimos

cinco anos tinham sido como um grande ensaio caótico, com roupas e atitudes descartadas, amizades e opiniões espalhadas por todo o chão — assustadores e emocionantes para quem havia feito parte deles, enlouquecedores e absurdos para pais e professores sujeitos às frágeis improvisações e obrigados a arrumar a bagunça.

Logo seria hora de nos acomodarmos em um papel em que talvez nos encaixássemos de modo plausível, mas, quando eu tentava me ver como os outros me viam (às vezes de forma literal, tarde da noite, encarando profundamente o espelho de barbear do meu pai, o cabelo penteado para trás), eu não via... nada de especial. Ao observar minhas fotos daquela época, me lembro das primeiras encarnações de um personagem de desenho animado, dos protótipos que se parecem com a versão final, mas são, de algum modo, desproporcionais, não muito bons.

Nada disso ajuda muito. Imagine, então, aquela foto da turma que todos têm, com rostos pequenos demais para identificar alguém sem observar de perto. Tenha ela sido tirada cinco ou cinquenta anos antes, há sempre uma figura familiar na fileira do meio, alguém sem histórias nem associações, sem escândalos nem vitórias. Você se pergunta: *quem* era esse mesmo?

Esse era Charlie Lewis.

Serragem



A festa dos formandos era famosa por atingir níveis de depravação só vistos na Roma Antiga e perdia apenas para o passeio organizado pelo professor de biologia. Nossa arena era o ginásio, um espaço grande o bastante para conter, de maneira confortável, um avião comercial. Para criar uma ilusão de intimidade, faixas antigas haviam sido penduradas entre as colunas, e um globo espelhado pendia de uma corrente feito um malho medieval, mas ainda assim o espaço parecia exposto e árido. Durante as três primeiras músicas, ficamos alinhados em bancos, olhando uns para os outros por cima do piso cheio de arranhões e poeira, feito guerreiros em lados opostos de um campo de batalha, passando e tomando goles das últimas garrafinhas de Debbie Warwick para ganhar coragem, até só restar o Cointreau; o Cointreau era um limite que ninguém se atrevia a ultrapassar. O Sr. Hepburn, professor de geografia, no comando do som, trocou desesperadamente de “I Will Survive” para “Baggy Trousers” e depois “Relax”, até que o Sr. Pascoe pediu que ele parasse com aquilo. Faltavam uma hora e quinze minutos. Estávamos perdendo tempo...

Mas então “Girls & Boys”, do Blur, começou a tocar e, como se tivessem dado um sinal, uma multidão invadiu a pista, todos dançando animados. Todos continuaram por ali para contar os hits de *pop-house* que vieram em seguida. O Sr. Hepburn havia alugado uma luz

estroboscópica e decidiu apertar o interruptor, em um absurdo desrespeito à saúde e à segurança. Encaramos nossos dedos flexionados, surpresos, sugando as bochechas e mordendo os lábios como as pessoas nas raves que tínhamos visto na TV, os braços para o alto e os pés batendo no chão até o suor encharcar nossas camisetas. Eu vi a tinta do *Amigos para sempre* começar a escorrer e, subitamente sentimental em relação àquela relíquia, abri caminho de volta até o banco onde havia deixado a mochila, peguei uma roupa velha de ginástica, pressionei-a contra o rosto para conferir se estava ao menos no nível mais baixo dos padrões e fui para o vestiário masculino.

Se, como os filmes de terror haviam me ensinado, as paredes e os alicerces de um lugar absorvessem as emoções de quem havia passado por ali, então aquele vestiário teria que ser exorcizado. Coisas horríveis tinham acontecido ali. Havia uma pilha fétida de objetos perdidos, toalhas mofadas e meias inimagináveis, tão densas e antigas quanto turfa, sob as quais tínhamos enterrado Colin Smart. E, ali, ali tinha sido onde a cueca de Paul Bunce fora puxada para cima com tanta violência que ele acabara na emergência. Aquela cômodo era uma arena fechada na qual nenhum golpe físico ou mental era proibido e, sentado no banco pela última vez, apoiando a cabeça com cuidado entre ganchos para casacos que haviam feito tantas vítimas, de repente me senti imensamente triste. Talvez fosse nostalgia, mas eu duvidava. Nostalgia pelos estojos cheios de sabão líquido e pelas toalhas molhadas nos atingindo? O mais provável era que fosse arrependimento pelas coisas que não haviam acontecido, mudanças que não se concretizaram. Uma lagarta forma um casulo, e, dentro daquela concha rígida, as paredes de células se dissolvem, moléculas se agitam e se reorganizam e o casulo se rompe para revelar outra lagarta, mais comprida e peluda e menos certa

do seu futuro.

Pouco tempo antes, eu havia percebido que era suscetível a crises de análise profunda, por isso afastei a introspecção literalmente balançando a cabeça. O verão estava chegando e, naquele intervalo entre o arrependimento passado e o medo futuro, será que não daria para me divertir, viver a vida e fazer alguma coisa acontecer? Naquele momento, meus amigos estavam ali perto, dançando como robôs. Puxei depressa a camiseta velha pela cabeça, olhei para os rabiscos do uniforme e vi, perto da barra, em tinta azul e letras nítidas e claras, as seguintes palavras:

vc me fez chorar.

Eu a dobrei com cuidado e a guardei na mochila.

De volta ao salão, o Sr. Hepburn tocava “Jump Around”, e a dança tinha se tornado mais selvagem, mais agressiva, com meninos se empurrando como se tentassem arrombar uma porta.

— Ai, Charlie — disse a Srta. Butcher, professora de teatro. — É tudo tão *triste!*

Durante o dia inteiro, paixões, malícias e sentimentos familiares, amor e desejo haviam sido alçados a um nível insustentável. O ar zumbia com eles e, buscando uma saída, subi no trepa-trepa, me encolhi entre as barras e pensei naquelas quatro palavras claras, escritas com cuidado e propósito. Tentei lembrar um rosto, encontrá-lo entre os rostos no corredor, mas era como um daqueles mistérios em que todos têm um motivo para cometer o assassinato.

Uma nova onda de energia se espalhou: os meninos subiam nas costas um dos outros e se chocavam a toda velocidade, como em um combate. Mesmo com a música, dava para ouvir colunas batendo no piso. Uma briga de verdade havia começado. Vi um molho de chaves

na mão de alguém e, para manter a ordem, o Sr. Hepburn tocou Spice Girls, tipo um banho de água fria musical para os meninos, que se dispersaram para os cantos do ginásio, abrindo espaço para as meninas, que saltitavam e balançavam os dedos umas para as outras. A Srta. Butcher também substituiu o Sr. Hepburn na mesa de som. Eu o vi erguer a mão para mim e correr pela pista de dança, olhando para a esquerda e para a direita como se atravessasse uma rua agitada.

— O que você achou, Charlie?

— O senhor não seguiu sua verdadeira vocação, professor.

— A perda das boates foi a vitória da geografia — respondeu ele, encaixando-se entre as barras ao meu lado. — Você pode me chamar de Adam agora. Nós dois somos civis, ou vamos ser em, o quê, trinta minutos? Em trinta minutos, você vai poder me chamar do que quiser!

Eu gostava do Sr. Hepburn e admirava a perseverança dele diante da indiferença declarada. *Não me leve a mal, professor, mas qual é o objetivo disso?* De todos os professores que haviam tentado, ele fora o melhor em mostrar que era uma pessoa decente sem querer bancar o jovem, soltando pistas provocadoras sobre “grandes finais de semana” e intrigas da sala dos professores, dando pequenos sinais de rebelião — gravata solta, barba por fazer, cabelo desganhado — para sugerir que éramos amigos. De vez em quando até falava palavrão, palavras chulas jogadas como se fossem doces para uma multidão.

Ainda assim, eu não o chamaria de Adam nem que o mundo acabasse.

— E aí? Está animado para a faculdade?

Reconheci o começo de um discurso motivacional.

— Acho que não vou para a faculdade, professor.

— Você ainda não sabe. Fez o vestibular, não fez?

Assenti.

— Para arte, ciência da computação e design gráfico.

— Maravilha.

— Mas não fui bem nas provas.

— Bom, você ainda não sabe.

— Sei mais ou menos, professor. Eu nem vinha à aula metade do tempo.

Ele bateu uma vez o punho cerrado no meu joelho, depois pareceu pensar melhor.

— Bom, mesmo que não tenha ido bem, existem algumas coisas que você pode fazer, como outra prova ou um curso menos convencional. Um menino como você, um menino talentoso...

Eu ainda guardava com carinho o elogio que ele havia feito ao meu projeto de vulcão: o melhor, mais elaborado modelo de vulcão, como se eu tivesse descoberto uma verdade fundamental que escapara aos vulcanologistas durante séculos. Mas era um gancho pequeno demais para sustentar a palavra “talento”.

— Não, vou arranjar um emprego, professor. Eu me dei até setembro, depois...

— Ainda me lembro daqueles vulcões. O modelo ficou maravilhoso.

— Aqueles vulcões foram há muito tempo.

Dei de ombros e, de maneira inesperada e embaraçosa, percebi que um interruptor havia sido ligado e que talvez eu fosse chorar. Fiquei na dúvida se devia subir mais alto no trepa-trepa.

— Mas talvez você possa fazer alguma coisa com isso.

— Com vulcões?

— Com desenho, design gráfico. Se quiser conversar comigo sobre

esse assunto, quando o resultado sair...

Talvez eu não precisasse subir, talvez bastasse apenas empurrá-lo. Não era uma queda muito grande.

— É sério. Vou ficar bem.

— Está bem, Chaz, está bem, mas vou contar um segredo para você... — Ele se aproximou e senti cheiro de cerveja em seu hálito. — É o seguinte. Não importa. As coisas que acontecem agora não importam. Quer dizer, *importam*, mas não tanto quanto você imagina, e você é jovem, *muito* jovem. Poderia ir para a faculdade ou voltar quando estiver pronto, mas você tem. Tanto. Tempo. Ah, cara... — Ele pressionou a bochecha na barra de madeira. — Se eu acordasse e tivesse dezesseis anos de novo, ah, cara...

E, por sorte, quando eu já estava preparado para pular, a Srta. Butcher encontrou a luz estroboscópica e a apertou por muito, muito tempo. Então houve um grito e uma movimentação repentina tomou a multidão, formando um círculo apavorado. Sob a luz piscante e ao som de “MMMBop”, Debbie Warwick tossia e cuspiu um vômito branco feito magnésio, manchando sapatos e pernas nuas em uma série de imagens rápidas, dignas de uma animação infernal em *stop-motion*, a mão ampliando o arco do jato de vômito como se um dedo pressionasse a ponta de uma mangueira, até ficar encolhida e sozinha no meio de uma roda de adolescentes que riam e gritavam ao mesmo tempo. Só então a Srta. Butcher apagou a luz e entrou com cuidado no círculo para esfregar as costas de Debbie com a ponta dos dedos de um braço estendido.

— Studio 54 — disse o Sr. Hepburn, descendo do trepa-trepa às pressas. — Luz estroboscópica demais, viu?

A música parou enquanto os alunos esfregavam as pernas com

toalhas de papel abrasivas e Parky, o zelador, ia buscar a serragem e o desinfetante que estavam sempre por perto nas festas.

— Faltam vinte minutos, senhoras e senhores — disse o Sr. Hepburn, voltando à mesa de som. — Vinte minutos, o que significa que está na hora de diminuir um pouco o ritmo das coisas...

Músicas lentas ofereciam uma oportunidade sancionada pela escola para os alunos se deitarem uns sobre os outros ainda de pé. Os primeiros acordes de “2 Become 1” haviam esvaziado a pista, mas uma série de negociações tensas acontecia nos arredores dela enquanto, por cortesia dos técnicos do laboratório, uma pequena quantidade de gelo seco era liberada, uma camuflagem que se estendia até a altura da cintura. Sally Taylor e Tim Morris foram os primeiros a atravessar a névoa. Depois Sharon Findlay e Patrick Rogers, os pioneiros sexuais da escola, mãos permanentemente enfiadas no cós da calça um do outro, como se sorteassem cupons em um concurso. Então, Lisa “Corpão” Boden e Mark Solomon, Stephen “Chefão” Shanks e “Rainha” Alison Quinn pularam, alegres, a serragem.

Mas aos nossos olhos aqueles eram casais batidos. A multidão exigia novidades. Do fundo do ginásio, ouviram-se gritos e aplausos quando o Pequeno Colin Smart pegou a mão de Patricia Gibson, e um corredor se abriu enquanto ela era empurrada e puxada para a luz, a mão livre cobrindo o máximo possível do rosto, feito um réu chegando ao julgamento. Por todo o salão, meninos e meninas começaram seus ataques camicases e os pretendentes às vezes eram aceitos, outras, recusados e mandados embora, dando um sorriso amarelo ao som de aplausos lentos.

— Eu odeio essa parte, e você?

Helen Beavis tinha se juntado a mim no trepa-trepa, uma menina

metida a artista e campeã de hóquei, alta, forte e por vezes chamada de Tijolão, mas sempre pelas costas.

— Olhe — disse ela. — Lisa está tentando enfiar a cabeça inteira na boca do Mark Solomon.

— E aposto que ele ainda está com o chiclete lá dentro...

— Ficam passando um para o outro. Tipo pingue-pongue. Poc-poc-poc.

Helen e eu tínhamos feito algumas tentativas constrangedoras de amizade, mas nada havia adiantado. No prédio de artes plásticas, ela era uma das alunas descoladas que pintava grandes telas abstratas com nomes como *Divisão* e sempre deixava algo secando no forno de cerâmica. Se arte tinha a ver com emoção e expressão, então eu era apenas “um bom desenhista”: imagens muito detalhadas e cheias de textura de zumbis, piratas espaciais e caveiras, sempre com um olho ainda vivo, copiadas de jogos de computador e histórias em quadrinhos, filmes de ficção científica e terror, o tipo de imagem violenta elaborada que chama a atenção da orientadora pedagógica.

— Vou dizer uma coisa para você, Lewis — falou Helen, a voz arrastada, o braço estendido segurando um mercenário intergaláctico. — Você sabe desenhar um torso masculino muito bem. Capas também. Imagine o que conseguiria fazer se desenhasse uma coisa *real*.

Eu não respondi. Helen Beavis era inteligente demais para mim, de um jeito especial, não ostentatório, que não exigia a validação de prêmios. Ela também era engraçada e contava as melhores piadas sussurrando, para satisfação própria. Suas frases continham mais palavras do que o necessário, e muitas delas ganhavam um tom de ironia, o que me impedia de saber se ela queria dizer uma coisa ou o contrário. Palavras já eram difíceis para mim quando tinham um único

significado, e, se nossa amizade havia naufragado por algum motivo, fora pela minha incapacidade de acompanhar o raciocínio dela.

— Sabe do que este ginásio precisa? De cinzeiros. Encaixados bem ao lado das barras paralelas. Ei, será que a gente já pode fumar?

— Só daqui a... vinte minutos.

Como todos os melhores atletas, Helen Beavis era uma fumante dedicada e acendia cigarros já perto dos portões, o Marlboro Menthol balançando para cima e para baixo quando ela ria, feito o cachimbo do Popeye. Uma vez, eu a vi tapar uma narina com um dedo e lançar a meleca uns quatro metros adiante, por cima de uma cerca. A menina tinha, na minha opinião, o pior corte de cabelo que eu já vi, espetado em cima, comprido e liso atrás, com duas costeletas pontudas, como se rabiscado à caneta em uma foto. Na misteriosa álgebra do segundo ano do ensino médio, o cabelo feio, somado ao lado artístico, ao hóquei e às pernas peludas davam uma lésbica, uma palavra forte para meninos daquela época, capaz de formar uma garota muito interessante ou totalmente desinteressante. Havia dois — e apenas dois — tipos de lésbicas, e Helen não era do tipo que víamos nas revistas de Martin Harper, por isso os meninos prestavam pouca atenção nela, o que era ótimo para Helen, tenho certeza. Mas eu gostava dela e queria impressioná-la, mesmo que minhas tentativas normalmente a fizessem apenas balançar a cabeça devagar.

Por fim, o globo espelhado foi usado e começou a girar, pendurado na corrente.

— Ah. Isso é incrível — disse Helen, indicando os dançarinos que giravam lentamente. — Sempre no sentido horário, já notou?

— Na Austrália, eles giram para o outro lado.

— No Equador, ficam parados. Muito envergonhados.

“2 Become 1” se mesclou à voz melosa e sensual de Whitney Houston em “Greatest Love of All”.

— Credo! — exclamou Helen, e sacudiu os ombros. — Eu espero, para o bem de todos, que as crianças *não sejam* nosso futuro.

— Acho que Whitney Houston não estava pensando nesta escola especificamente.

— Não, é provável que não.

— Outra coisa que nunca entendi nessa música: aprender a amar a si mesmo. Por que esse é o maior amor de todos?

— Faz mais sentido se você escutar como “odiar” — disse ela.

Paramos para ouvir.

— Aprender a odiar a si mesmo...

— É o maior ódio de todos. É por isso que é fácil. E o melhor é que isso funciona em quase todas as músicas de amor.

— Ela odeia você...

— Isso mesmo.

— Obrigado, Helen. Faz mais sentido agora.

— Meu presente para você. — Nós nos voltamos para a pista de dança. — Trish parece feliz.

Ficamos observando enquanto Patricia Gibson, a mão ainda tapando os olhos, tentava simultaneamente dançar e se afastar do parceiro.

— A calça do Colin Smart se ajeitou de um jeito interessante. Que lugar estranho para guardar o kit de geometria. Boing! — Helen deu um soco no ar. — Eu passei por isso uma vez. Na festa de Natal da Igreja Metodista, com uma pessoa cujo nome não tenho permissão para repetir. Não foi legal. Tipo levar uma pancada no quadril com a ponta de uma caixa de sapato.

— Acho que os meninos aproveitam mais que as meninas.

— Então vão se esfregar em uma árvore ou alguma coisa assim. É muita grosseria, ou seja, falta de educação. Não inclua essa arma no seu arsenal, Charles.

Em outras partes do ginásio, mãos procuravam bundas e paravam sobre elas, frouxas e assustadas, ou amaciavam a pele como se fosse massa de pizza.

— É mesmo um espetáculo nojento. E não só por causa do meu bem apregoado lesbianismo.

Eu me reajustei na barra. Não estávamos acostumados a discussões francas e abertas. Era melhor ignorar aquilo e, depois de alguns segundos...

— E aí? Quer dançar? — perguntou ela.

Franzi a testa.

— Não. Estou bem.

— É, eu também — respondeu ela. Certo tempo se passou. — Se você quiser chamar outra pessoa...

— É sério. Estou bem.

— Não tem nenhuma paixãoite, Charlie Lewis? Nada para declarar do fundo do seu coraçãozinho nesses últimos momentos?

— Não sou muito chegado nessas... coisas. E você?

— Eu? Não, basicamente estou morta por dentro. E, no fim das contas, o amor é uma invenção burguesa. Tudo isso... — Ela indicou a pista de dança com a cabeça. — Não foi o gelo seco, foi uma névoa de feromônios que se assentou. Sinta o cheiro. O amor é... — Cheiramos o ar. — Cointreau e desinfetante.

Microfonia e a voz do Sr. Hepburn soaram altas, perto demais do microfone.

— Última música, senhoras e senhores, é a última música! Quero

ver todo mundo dançando com alguém. Coragem, pessoal!

“Careless Whisper” começou, e Helen indicou com a cabeça um grupo que liberava uma única menina. Emily Joyce veio em nossa direção e começou a falar quando ainda estava longe demais para ser ouvida.

— ...

— Oi?

— ...

— Não estou...

— Oi! Eu só falei “oi”, só isso.

— Oi, Emily.

— Helen.

— Ah, oi, Emily.

— O que vocês estão fazendo?

— Estamos bancando os voyeurs — respondeu Helen.

— O quê?

— Estamos observando — falei.

— Vocês viram Mark pôr a mão embaixo da saia da Lisa?

— Não, infelizmente a gente perdeu isso — disse Helen. — Mas a gente viu os dois se beijando. Foi impressionante. Já viu uma píton reticulada engolir um pequeno javali, Emily? Aparentemente, elas deslocam a mandíbula, bem aqui atrás...

Emily olhou irritada para Helen.

— O quê?

— Perguntei se você já viu uma píton reticulada engolir um...

— Olha, você quer dançar ou o quê? — retrucou Emily, impaciente, cutucando meu joelho.

— Não se preocupe comigo — respondeu Helen.

Acho que enchi as bochechas e bufei.

— Tudo bem, então — falei, saltando das barras.

— Não escorreguem no vômito, pombinhos — disse Helen, enquanto seguíamos para a pista de dança.

Baladas



Abri os braços e, por um instante, estávamos parados, com as mãos agarradas na lateral do corpo, feito aposentados em um chá dançante. Emily me corrigiu, colocando minha mão em sua lombar, e, quando começamos o primeiro giro, fechei os olhos e tentei identificar uma emoção. A luz artificial sugeria que eu deveria me sentir romântico, e o saxofone grave me deixava consciente de que a pélvis e o fecho do sutiã dela deveriam ser suficientes para despertar desejo. No entanto, vergonha era a emoção que eu reconhecia, e a única vontade que tinha era de que a música acabasse. Amor e desejo se misturavam demais ao ridículo e, claro, na extremidade do salão, Lloyd balançava a língua de forma indecente enquanto Fox se virava de costas, cruzava os braços e acariciava os próprios ombros. Ajustei a mão direita para que apenas o dedo do meio aparecesse, o que achei muito inteligente, e nós giramos para longe enquanto o saxofone continuava tocando. *Diga alguma coisa, qualquer coisa...*

Emily falou primeiro:

— Você tem cheiro de menino.

— Ah. É, é uma roupa antiga de ginástica. Era tudo que eu tinha.

Desculpe.

— Não, eu gosto — respondeu ela, antes de cheirar meu pescoço.

Senti algo úmido ali que podia ter sido um beijo ou o toque de

uma flanela molhada. Sem contar a minha avó, eu já havia beijado, ou sido beijado, duas vezes, mas talvez fosse mais correto descrever aqueles acontecimentos como colisões faciais. A primeira ocasião tinha sido em uma exposição escura durante um passeio por ruínas romanas. Não tem como alguém saber beijar de maneira instintiva — o mesmo vale para snowboard ou sapateado, coisas que não podem ser aprendidas por observação —, mas Becky Boyne havia obtido instruções em desenhos da Disney e pressionado os lábios, formando um bico rígido e seco, que ela batera em meu rosto feito um passarinho enlouquecido ao ver comida. Os filmes também nos haviam ensinado que um beijo não era beijo se não fizesse barulho, por isso cada contato tinha sido acompanhado de um estalar de lábios tão artificial quanto o som dos cascos representando um cavalo. Olhos fechados ou abertos? Eu os havia mantido abertos, para o caso de sermos descobertos ou atacados, e lido o texto na parede atrás dela. Ficara sabendo que os romanos tinham criado o aquecimento central, e aquilo continuara, o tap-tap-tap cada vez mais insistente e forçado, como se alguém estivesse tentando destravar um grampeador.

O beijo em Sharon Findlay, por outro lado, tinha sido um ataque de tubarão irritado, frenético, a boca aberta, os dois atrás de um sofá. Harper tinha um porão, um bunker de concreto embaixo de casa, que detinha certa notoriedade e, nas noites de sexta, parecia o abrigo nuclear da mansão da Playboy. Ali Harper chefiava “festas de DVD” exclusivas e extravagantes, distribuindo cervejas especiais misturadas com aspirinas solúveis — a azeitona do nosso martíni —, que deviam ser bebidas de canudinho e eram fortes o bastante para nos mandar para trás do sofá, beijando em meio a bolas de poeira e moscas mortas. Eu nunca havia tido tanta consciência de que a língua era um músculo,

um músculo poderoso e sem pele como o braço de uma estrela do mar, e quando minha língua tentara lutar contra a de Sharon, as duas haviam se digladiado feito bêbados tentando passar ao mesmo tempo por um corredor estreito. Sempre que eu tentava erguer a cabeça, ela era empurrada de volta para o chão empoeirado com a mesma força e movimento exigido para extrair o suco de uma laranja. Eu me lembro vagamente de que um arrote de Sharon Findlay estufou minhas bochechas, e, quando finalmente nos afastamos, ela enxugou a boca com o braço inteiro. A experiência me deixou abalado e com dor no maxilar, dois pequenos cortes nos cantos da boca e um terceiro na base da língua, além de enjoado com o que deviam ser, em uma estimativa bastante conservadora, duzentos mililitros da saliva de outra pessoa. Mas eu também fiquei estranhamente empolgado, como se tivesse saído de um brinquedo assustador no parque de diversões, e não sabia se queria voltar a beijá-la no mesmo instante ou nunca mais na vida.

A questão se resolveu quando ela ficou com Patrick Rogers mais tarde naquela mesma noite no bunker. Ali no baile, passamos por eles enquanto dançávamos, devorando um ao outro sob o globo espelhado institucional. Senti o pescoço molhado de novo, depois uma frase murmurada que não consegui ouvir com a música.

— Oi?

— Falei... — Mas ela murmurou em meu pescoço outra vez e eu só entendi uma palavra: — Banho.

— Não estou ouvindo...

Mais uma vez, blá-blá banho. Fiquei na dúvida se ela disse que eu precisava de um banho. Se pelo menos diminuíssem o volume...

— Desculpe?

Emily murmurou.

— Tudo bem — falei. — Última vez.

Emily afastou o rosto do meu pescoço e me olhou com raiva.

— Pelo amor de Deus, *falei* que *penso* em você no *banho*!

— Ah, é? Muito obrigado! — respondi, mas aquilo pareceu insuficiente, então... — Também penso em você!

— *O quê?*

— Também penso em você?

— Não pensa nada! Só... Ah, deixa para lá. Ai, caramba!

Ela grunhiu e apoiou a cabeça em meu pescoço outra vez. Mas havia raiva na nossa dança agora, por isso ficamos aliviados quando a música terminou. Envergonhados com o silêncio repentino, os casais se afastaram, sorrindo, os rostos brilhando.

— Para onde você vai agora? — perguntou Emily.

— Não sei. Era para eu ir para a casa do Harper.

— Para o porão? Ah. Entendi. — Ela deu de ombros, fez biquinho e soprou a franja. — Nunca fui ao porão.

Eu podia tê-la convidado, mas a política de entrada de Harper era impiedosa e inflexível. O momento passou, então ela me deu um empurrão no peito.

— Até mais.

Eu tinha sido dispensado.

— Certo, senhoras e senhores! — exclamou o Sr. Hepburn, voltando ao microfone. — Parece que temos tempo para uma última música no fim das contas! Quero ver todos vocês na pista, todos mesmo! Estão prontos? Não estou ouvindo! Lembrem-se de dançar em volta da serragem, por favor. Vamos lá!

A música era “Heart of Glass”, do Blondie, quase tão remota para nós quanto “In The Mood”, mas obviamente incrível porque todos

tinham ido para a pista de dança: os garotos do teatro, os temperamentais da aula de cerâmica, até Debbie Warwick, abalada, pálida e cambaleante. Os técnicos do laboratório lançaram o resto do gelo seco, o Sr. Hepburn aumentou o volume e, ao som de gritos e aplausos, Patrick Rogers tirou a camisa e a girou no ar esperando que outros o imitassem, e depois, quando isso não deu certo, voltou a vesti-la. A nova atração era Lloyd com a mão na boca de Fox, fingindo dar um beijo de língua nele. O Pequeno Colin Smart, único garoto do Clube de Teatro, tinha organizado um jogo de confiança em que as pessoas se revezavam para cair nos braços umas das outras no ritmo da música, e Gordon Gilbert, o destruidor de trombones, estava nos ombros de Tony Stevens, abraçando o globo espelhado feito um homem ao mar agarrado a uma boia. Então Tony Stevens se afastou e o deixou pendurado, enquanto Parky, o zelador, o cutucava com o cabo do esfregão.

— Olhem! Olhem! — gritou alguém enquanto Tim Morris começava a dançar break, jogando-se no chão, girando rápido na direção da serragem e do desinfetante, para em seguida se levantar num pulo e limpar a calça freneticamente.

Senti mãos nos meus quadris, e era Harper gritando algo que podia ser “adoro você, cara!”, antes de me dar beijos estalados, smack, smack, em cada orelha. De repente alguém pulou nos meus ombros e estávamos todos em um montinho, os meninos, Fox e Lloyd, Harper e eu e então outros alunos com quem eu mal falava, rindo de uma piada que ninguém conseguia ouvir. A noção de que aqueles haviam sido os melhores anos da nossa vida de repente pareceu tão plausível quanto trágica, e eu quis que a escola tivesse sido sempre daquele jeito, todos abraçados, sentindo um amor violento, e que eu tivesse falado mais

com aquelas pessoas e com uma voz diferente. Por que tínhamos deixado só para aquele momento? Tarde demais, a música estava quase acabando: *ooh-ooh oah-oh, ooh-ooh oah-oh*. O suor colava as roupas na pele, fazia nossos olhos arderem e pingava de nossos narizes. Quando me levantei do montinho, vi por apenas um segundo Helen Beavis dançando sozinha, curvada como um boxeador, os olhos fechados com força, cantando *ooh-ooh oah-oh*. Então, atrás dela, um movimento e a abertura repentina das saídas de incêndio. A claridade atômica foi derramada sobre o salão como as luzes da espaçonave no fim de *Contatos Imediatos de Terceiro Grau*. Ofuscado, Gordon Gilbert caiu do globo espelhado. A música parou do nada e tudo acabou.

Eram três e cinquenta e cinco da tarde.

Tínhamos perdido a contagem regressiva e estávamos parados, as silhuetas delineadas pela luz, zonzos, piscando enquanto os funcionários nos empurravam em direção às portas com os braços estendidos. Vozes roucas, suor resfriando a pele, nós agarramos nossos pertences — tacos de hóquei e peças de cerâmica, lancheiras nojentas e maquetes amassadas, roupas de ginástica em trapos — e tropeçamos até o pátio feito refugiados. Meninas se agarravam às amigas, aos prantos, e, do bicicletário, veio a notícia de que todos os pneus haviam sido furados em uma última vingança louca e inútil.

Nos portões da escola, crianças se reuniam em torno da van que vendia sorvete. A liberdade que estávamos comemorando de repente pareceu um exílio — paralisante e incompreensível —, e nós enrolamos e hesitamos diante dos portões, animais soltos cedo demais na selva assustadora, olhando para a jaula. Vi minha irmã, Billie, do outro lado da rua. Mal nos falávamos, mas ergui a mão. Ela sorriu de volta e se afastou.

Nós quatro começamos a andar para casa pela última vez, transformando o dia em anedota antes mesmo de ele ter terminado. Perto da ferrovia, em meio às bétulas claras, vimos uma fumaça, um brilho alaranjado da pira cerimonial que Gordon Gilbert e Tony Stevens tinham montado com fichários e uniformes velhos, plástico e nylon. Eles gritavam e uivavam feito animais selvagens, mas nós continuamos até o cruzamento onde sempre nos separávamos. Paramos ali. Talvez devêssemos dar a devida importância à ocasião, dizer algumas palavras. Abraço? Mas hesitamos ao pensar em gestos sentimentais. Era uma cidade pequena, e seria preciso muito mais esforço para perder contato do que para nos vermos com frequência.

— Então a gente se vê.

— Ligo mais tarde.

— Sexta, né?

— Até mais.

— Tchau.

E fui até a casa em que agora morava sozinho com meu pai.

Infinito



Eu costumava ter um sonho recorrente — inspirado, acho, por ter visto *2001: Uma Odisseia no Espaço* cedo demais —, em que estava flutuando, sozinho, no espaço sideral. O sonho me aterrorizava na época e me aterroriza até hoje, não por causa do sufocamento ou da fome, mas da sensação de impotência; não ter o que segurar ou empurrar, apenas vazio e pânico, a convicção de que aquilo nunca acabaria.

O verão parecia aquele sonho. Como eu poderia preencher os dias infinitos, cada dia infinitamente longo? No último semestre da escola, tínhamos feito planos: viagens a Londres para andar pela Oxford Street (e só na Oxford Street) e expedições aventurecas até New Forest ou a Ilha de Wight, com mochilas cheias de cerveja. Tínhamos chamado isso de “farra no acampamento”, mas tanto Harper quanto Fox começaram a trabalhar em tempo integral, sem carteira assinada, com o pai de Harper, um empreiteiro, e o plano morreu. Sem Harper por perto, Lloyd e eu só brigávamos. Além disso, eu também tinha um trabalho informal de meio período como caixa de um posto de gasolina.

Mas isso ocupava apenas doze horas por semana. O resto do tempo era meu para... quê? O luxo de não ter nada para fazer logo perdeu a graça, deixando só a tristeza irrequieta da luz do sol atravessando as

cortinas, dias longos, preguiçosos e torpes à frente, seguidos de outros e outros, feito um longo feriado cretino. Eu sabia por causa da ficção científica, e não das aulas de ciência, que o tempo se comportava de maneira diferente dependendo da sua localização e, da cama de baixo do beliche de um garoto de dezesseis anos, no fim de junho de 1997, passava mais devagar do que em qualquer outro lugar do cosmos.

A casa que ocupávamos era nova. Tínhamos saído da “casa grande”, a da família, logo depois do Natal, e eu sentia muita falta dela: geminada, quadrados e triângulos como em um desenho de criança, com um corrimão onde dava para escorregar, um quarto para cada um, garagem e balanços no jardim. Meu pai tinha comprado uma casa grande em uma onda de otimismo equivocado, e eu me lembrava de quando ele a mostrou para nós pela primeira vez, dando batidinhas na parede para confirmar a qualidade dos tijolos, abrindo bem as mãos em cima dos aquecedores para sentir a glória do aquecimento central. Havia uma *bay window*, onde eu podia me sentar e observar o trânsito feito um jovem lorde e, o mais impressionante de tudo, um pequeno quadrado de vitral na porta da frente, um nascer do sol amarelo, dourado e vermelho.

Mas a casa grande tinha sido vendida. Meu pai e eu havíamos nos mudado para um condomínio construído nos anos 1980, A Biblioteca, onde cada rua tinha o nome de um autor renomado para fortalecer a cultura. A estrada Woolf levava à praça Tennyson, a avenida Mary Shelley cruzava a travessa Coleridge. Nós morávamos no largo Thackeray e, apesar de nunca ter lido Thackeray, eu sabia que a influência dele seria difícil de identificar. As casas eram modernas, com tijolos claros e telhado plano, com uma característica distinta: paredes curvas dentro e fora da casa para que, quando fossem vistas dos aviões

que circundavam o aeroporto, as fileiras de imóveis parecessem lagartas amarelas gordas. “Uma Tatooine de quinta”, como dizia Lloyd. Quando nos mudamos — éramos quatro na época —, meu pai tinha dito que amava as curvas, uma expressão mais livre e arrojada dos nossos valores familiares do que os quartos abafados da nossa velha casa geminada. Seria como morar em um farol! Mesmo que A Biblioteca não parecesse mais o futuro, que os jardins minúsculos não fossem mais tão arrumadinhos quanto costumavam ser, que às vezes carrinhos de compras descessem pelas avenidas largas e silenciosas, aquele ainda seria um novo capítulo na história da nossa família, com a tranquilidade que teríamos por viver dentro das nossas possibilidades. Sim, minha irmã e eu íamos dividir um quarto, mas beliches eram divertidos e não seriam usados para sempre.

Seis meses depois, ainda havia caixas fechadas, empurradas para as paredes curvas ou empilhadas na cama vazia da minha irmã. Meus amigos quase nunca vinham me visitar, preferindo se encontrar na casa de Harper, que parecia o palácio de um ditador romeno, uma casa com duas jukeboxes, aparelhos de ginástica, quadriciclos e TVs imensas, uma espada samurai, pistolas, rifles de ar comprimido e canivetes suficientes para acabar com uma invasão zumbi. Minha casa tinha um pai maluco e muito jazz raro em vinis. Nem eu queria ir para lá.

Ou ficar lá. O grande projeto daquele verão seria evitar meu pai. Eu tinha aprendido a avaliar o estado mental dele pelos barulhos que fazia — a rastreá-lo como um caçador. As paredes eram de uma finura japonesa e, enquanto ele estivesse em silêncio, era seguro me enterrar ainda mais no calor do edredom, o ar do quarto parecendo a água de um aquário abandonado. Se não houvesse movimento até as dez, então meu pai teria um de seus dias no quarto e eu podia descer. Em nossos

anos prósperos, repletos de empréstimos do banco, meu pai havia comprado um computador por meio de um anúncio no jornal, uma caixa do tamanho de um arquivo feito, sem dúvida, de baquelite. Se meu pai continuasse na cama, eu podia desperdiçar alegremente a manhã nos corredores e armadilhas de *Doom* e *Quake*, contanto que estivesse pronto para desligar o botão do monitor assim que o ouvisse na escada. Jogos de computador durante o dia deixavam meu pai com uma raiva quase irracional, como se eu o tivesse baleado.

Mas, na maior parte dos dias, eu o via se levantar perto das nove e ir até o banheiro, que ficava do outro lado da parede do meu beliche. Nenhum despertador era tão eficiente quanto o som do meu pai fazendo xixi perto da minha cabeça, e eu me levantava num pulo, vestia rapidamente as roupas do dia anterior e descia a escada com uma agilidade ninja para ver se ele tinha deixado os cigarros ali. Se houvesse dez ou mais, era seguro pegar um e guardá-lo depressa em um dos bolsos da mochila. Eu comia torrada de pé diante do balcão da cozinha — outra característica da casa que havia perdido o encanto, comer em banquinhos — e saía antes que ele descesse.

Mas, se não conseguisse fazer isso, então ele aparecia, os olhos pegajosos, as marcas do travesseiro ainda visíveis no rosto, e nós nos revezávamos de forma incômoda entre a chaleira e a torradeira, assumindo nossos papéis.

— Isso é seu café ou é o almoço?

— Acho que é um brunch.

— Sofisticado. Já são quase dez...

— Olha quem fala!

— Só consegui dormir às... Pode usar um prato?

— Estou usando um prato.

- Então por que tem migalhas em todo...?
- Porque não tive tempo de...
- Só use a droga do prato!
- Aqui está o prato, aqui, na minha mão, um prato, meu prato...
- E guarde suas coisas.
- Vou guardar, quando acabar.
- Não deixe na pia.
- Eu não ia deixar na pia.
- Ótimo. Não deixe.

E isso continuava, sarcasmo e provocação banal e pouco inteligente, menos uma conversa e mais um tapa na orelha. Eu odiava o modo como falávamos um com o outro, mas tentar mudar aquilo exigia uma voz que nenhum dos dois tinha, então acabávamos em silêncio e meu pai ligava a TV. Talvez um dia eu tivesse sentido um prazer delinquente naquilo, mas a vadiagem exige um lugar para estar, e nenhum dos dois tinha isso. Tudo que eu sabia era que meu pai não gostava de ficar sozinho, por isso eu saía.

Na maior parte dos dias, eu andava de bicicleta, mas não no estilo arrojado e moderno. Eu usava calça jeans, não lycra, em uma bicicleta velha de corrida com o guidão voltado para trás, uma corrente enferrujada e barulhenta e um quadro tão pesado e impiedoso quanto um andaime de aço. Apoiado no guidão, eu patrulhava A Biblioteca e circundava preguiçosamente as ruas sem saída, Tennyson e Mary Shelley, Forster e Kipling, subia a Woolf e dava a volta na Hardy. Conferia os balanços e os escorregadores no parquinho, à procura de alguém que eu conhecesse. Descia passagens de pedestres, andava de um lado para outro nas ruas largas e vazias no caminho para as lojas.

O que eu procurava? Apesar de não saber, estava procurando uma

grande mudança; uma missão, talvez, uma aventura que me desafiasse e me ensinasse lições. Mas é estranho embarcar em uma aventura sozinho, difícil descobrir esse tipo de jornada na rua principal. A nossa cidade era pequena, no sudeste da Inglaterra, longe demais de Londres para ser um distrito, grande demais para ser um vilarejo, desenvolvida demais para ser considerada rural. Faltava a estação de trem que podia nos transformar em cidade-dormitório e também a lendária prosperidade associada à região. Em vez disso, a economia se baseava no aeroporto e nos parques industriais leves: fotocopiadoras, vidro duplo, componentes de computador, acessórios, o que quer que eles fossem. A rua comercial — chamada High Street — tinha alguns prédios que poderiam ser considerados pitorescos: um salão de chá com paredes de madeira chamado Cottage Loaf, um jornaleiro georgiano, uma farmácia da era Tudor, uma feira medieval para bebedores de sidra, mas todos eram arruinados pela poeira e pela fumaça da rua agitada que corria junto às calçadas estreitas, fazendo os clientes andarem colados às vidraças feitas com chumbo. “Ver as vitrines” era o grande passatempo da cidade, e qualquer pessoa que quisesse doar um sobretudo para a caridade ficaria animada. Mas o cinema tinha se tornado um depósito de carpetes, preso no loop temporal de uma promoção interminável de encerramento das atividades. Áreas de uma beleza natural impressionante ficavam a vinte minutos de carro dali, a costa de Sussex a outros trinta, toda a cidade contida por um anel rodoviário que nos circundava feito uma cerca.

Anos depois, quando ouvia amigos falarem de maneira sentimental e poética sobre onde nasceram, sobre como tinham sido formados por Northumberland ou Glasgow, os lagos ou a península de Wirral, eu sentia inveja até das expressões mais banais e estereotipadas de

“pertencimento”. Não tínhamos noção de identidade, um sotaque autêntico, apenas um tipo adquirido por causa da TV, aplicado sobre leves trejeitos do interior. Eu não odiava nossa cidade, mas era difícil me sentir poético e sentimental em relação ao reservatório, à delegacia e às florestas ralas, onde pornografia amarelava sob os arbustos. Nosso parquinho era universalmente conhecido como Parque do Cocô de Cachorro, e a plantação de pinheiros, como Bosque do Assassinato. Pelo que eu sabia, eles tinham os mesmos nomes no mapa geral do censo, e ninguém ia escrever um soneto sobre aquilo.

Então eu caminhava pela rua comercial, olhando as vitrines, torcendo para encontrar alguém conhecido. Comprava chiclete nas bancas de jornal e lia as revistas sobre computadores até que a cara feia do jornaleiro me fazia voltar para a bicicleta. Eu devia parecer solitário, mas teria odiado se alguém pensasse isso. Tédio era nosso estado natural, mas a solidão era um tabu, por isso eu me esforçava para passar uma impressão de autossuficiente, rebelde, contido e impossível de ser decifrado, sempre correndo riscos. Mas é preciso se esforçar muito para não parecer solitário quando se está sozinho, feliz quando não se é. É como segurar uma cadeira de longe e, quando eu não conseguia mais manter a ilusão de tranquilidade, saía da cidade.

Para chegar a qualquer coisa que pudesse passar por campo, era necessário cruzar a passarela, a rodovia rugindo de forma alarmante abaixo, feito uma cachoeira poderosa, depois seguir de bicicleta por grandes pradarias de trigo amarelo e colza, passando por planícies corrugadas de estufas que abrigavam as colheitas de morangos dos supermercados, depois subir as colinas que nos cercavam. Eu não era um grande amante da natureza, observador de pássaros, pescador nem poeta, não conseguiria reconhecer uma árvore nem que ela caísse em

cima de mim e não tinha uma vista nem clareira favorita, mas a solidão era menos vergonhosa ali, quase agradável, e todos os dias eu apostava que chegaria mais longe de casa e expandia a circunferência dos lugares que conhecia.

A primeira semana, a segunda e depois a terceira passaram dessa maneira, até que, em uma manhã de quinta-feira, fui parar em meio à grama alta de um campo selvagem com vista para nossa cidade.

O campo



Nunca tinha estado ali. Cansado da subida, desci da bicicleta e notei uma trilha à direita, sombreada e, por sorte, plana. Empurrei a bicicleta pelo bosque, que logo se abriu para uma pradaria em declive, a grama na altura da cintura, tons marrons e verdes manchados com o vermelho de papoulas e o azul de... alguma outra coisa. Epilóbios? Centáureas? Eu não fazia ideia, mas o campo era irresistível, e eu ergui a bicicleta por cima da porteira e segui em meio à grama alta. Uma mansão de madeira apareceu à frente, uma casa que eu vira do anel rodoviário, com um jardim margeando o limite mais baixo do campo. Tive a sensação repentina de estar invadindo e larguei a bicicleta, depois andei até achar uma clareira natural para tomar sol, fumar e ler alguma coisa violenta.

A grande quantidade de horas livres significava que, pela primeira vez na vida, eu estava lendo. Tinha começado com thrillers e livros de terror da coleção do meu pai, páginas com pontas dobradas, enrugadas de banho ou de praia, nos quais o sexo se alternava com a violência em um ritmo acelerado. De início, os livros pareceram substitutos ruins — ler sobre sexo e violência era como ouvir futebol no rádio —, mas logo eu devorava um livro por dia e me esquecia deles quase que instantaneamente, a não ser por *O silêncio dos inocentes* e Stephen King. Em pouco tempo, eu havia passado para a sessão menor e menos

intimidante de ficção científica da biblioteca do meu pai: cópias gastas de Asimov, Ballard e Philip K. Dick. Apesar de não saber como, eu tinha noção de que aqueles livros haviam sido escritos em um registro diferente dos outros sobre ratos gigantes, e o romance que eu levava na bolsa diariamente começou a parecer uma proteção contra o tédio, um álibi contra a solidão. Ainda havia algo de furtivo naquilo — ler na frente dos meus amigos teria sido como começar a tocar flauta ou ter aulas de danças típicas —, mas ninguém me veria ali, por isso, naquele dia, peguei minha cópia de *Matadouro-cinco*, de Kurt Vonnegut, escolhido por ter “matadouro” no título.

Se rolasse um pouco de um lado para outro, eu podia criar uma trincheira militar, invisível da casa acima ou da cidade abaixo. Esforçando-me para encontrar plenitude de alma, observei a vista, um tipo de paisagem de ferromodelismo com tudo próximo demais: plantações e não florestas, reservatórios e não lagos, estábulos, gatis e canis e não fazendas de laticínios e ovelhas pastando. Cantos de aves competindo com o grunhido da rodovia e o zumbido grave das torres elétricas acima de mim, mas dali de longe não parecia um lugar tão ruim. Dali de longe.

Tirei a camiseta e me deitei de costas, tentei fumar o cigarro do dia; depois, com o livro na frente dos olhos para protegê-los do sol, comecei a ler, parando aqui e ali para limpar as cinzas do peito. Muito acima de mim, aviões de turistas vindos da Espanha e da Itália, da Turquia e da Grécia traçavam círculos em um padrão regular, impacientes atrás de uma pista. Fechei os olhos e observei as fibras pela tela das minhas pálpebras, tentando segui-las até a beira da visão, quando disparavam para longe feito peixes em um riacho.

Quando acordei, o sol estava no auge e me senti tonto. Por um

instante, em pânico com o barulho de gritos, berros e chamados de caça vindos da colina acima: um bando. Será que queriam me pegar? Não; ouvi a grama balançando e a presa assustada arquejando, descendo a colina às pressas na minha direção. Olhei pela grama alta. A menina usava uma camiseta amarela e uma saia jeans azul curta que atrapalhava sua corrida. Eu a vi erguê-la com ambas as mãos, depois olhar para trás e se agachar para recuperar o fôlego, a testa encostada nos joelhos ralados. Não consegui ver sua expressão, mas tive uma ideia repentina e animada de que a casa era uma instituição sinistra, um manicômio ou um laboratório secreto, e que eu poderia ajudá-la a fugir. Mais gritos e vaias e ela olhou para trás, depois se levantou, torceu a saia ainda mais sobre as pernas pálidas e começou a correr diretamente para mim. Voltei a me agachar, mas não antes de vê-la olhar para trás mais uma vez e de repente tropeçar e cair de cara no chão.

Fico envergonhado por dizer que ri, tapando a boca com a mão. Um instante de silêncio e então a ouvi grunhir e rir ao mesmo tempo.

— Ai! Ai, ai, ai, sua *idiota!* Aaaaaaaaai!

Ela estava a três ou quatro metros, a respiração ofegante interrompida pelas próprias risadas doloridas, e de repente percebi que meu peito magro e nu estava rosado feito um salmão enlatado, e o suor grosso e as cinzas do cigarro tinham se acumulado em meu esterno. Comecei as contorções necessárias para me vestir ainda deitado no chão.

Da casa na colina, uma voz zombeteira:

— Ei! A gente desiste! Você ganhou! Volte aqui para ficar com a gente!

E eu pensei: *É uma armadilha, não acredite neles.*

A menina grunhiu para si mesma.

— Esperem!

Outra voz feminina:

— Você foi muito bem! Está na hora do almoço! Volte!

— Não posso! — gritou ela, já sentada. — Ai! Puta que pariu!

Aproximei-me ainda mais do chão enquanto ela tentava se levantar, testando o tornozelo e gritando de dor. Eu teria que me revelar, mas não parecia haver um jeito casual de pular em alguém em um campo. Passei a língua pelos lábios e, com uma voz estranha, gritei:

— Olááá!

Ela levou um susto, girou apoiada na perna boa e caiu para trás, tudo ao mesmo tempo, desaparecendo na grama.

— Olhe, não tenha medo, mas...

— Quem disse isso?

— Só para você saber que estou aqui...

— Quem? Onde?

— Aqui. Na grama alta.

— Mas *quem* é você, caramba? *Cadê* você?

Vesti depressa a camiseta, me levantei, e, me arrastando como se fugisse de tiros, fui até onde ela estava.

— Eu estava tentando não assustar você.

— Bom, você *não* conseguiu, seu *bizarro*!

— Ei, eu já estava aqui!

— E o que você estava fazendo aqui?

— Nada! Lendo! Por que eles estavam atrás de você?

Ela olhou para mim de canto de olho.

— Quem?

— Aquelas pessoas. Por que estavam correndo atrás de você?

— Você não é da companhia?

— Que companhia?

— *A Companhia*. Você não faz parte dela?

A Companhia era uma expressão que soava sinistra, e eu me perguntei se ia mesmo ajudá-la no fim das contas. *Venha comigo se quiser continuar viva.*

— Não, eu...

— Então o que você está fazendo aqui?

— Nada. Eu só... eu só vim andar de bicicleta e...

— Cadê sua bicicleta?

— Ali. Eu estava lendo e dormi, e queria que você soubesse que eu estava aqui sem assustar você.

Ela voltou a examinar o tornozelo.

— Bom, funcionou.

— Na verdade, é uma trilha pública. Eu tenho tanto direito de estar aqui quanto...

— Tudo bem, mas eu pelo menos tenho um *motivo*.

— Mas por que estavam atrás de você?

— O quê? Ah. Uma brincadeira boba. Nada de mais. — Ela apertou os ossos do tornozelo com os polegares. — Ai!

— Está doendo?

— Está doendo *para caralho!* Correr pelo campo é uma armadilha da porra. Enfiei o pé em uma toca de coelho e caí de cara.

— É, eu vi.

— Viu? Bom, obrigada por não ter rido.

— Eu ri.

Ela me encarou com os olhos entreabertos.

— Bom, posso ajudar? — perguntei, para me desculpar.

Ela me olhou de cima a baixo, e de novo, uma análise, tanto que me flagrei tentando enfiar as pontas dos dedos nos bolsos.

— Me diga de novo: por que você está aqui, bancando o pervertido?

— Eu só estava... Olhe, estou lendo! Olhe!

Corri de volta para minha toca para pegar o livro e o mostrei. Ela examinou a capa e a comparou com meu rosto, como se fosse um passaporte. Satisfeita, ela tentou se levantar, se encolheu e caiu de novo. Considerei oferecer a mão, como em um cumprimento, mas o gesto pareceu absurdo, por isso me ajoelhei e, de modo quase tão absurdo, peguei o pé dela como se fosse calçar um sapato de cristal nele: tênis Adidas com faixas azuis, sem meias, uma canela clara, manchada. Senti pelos curtos e pretos como limalha de ferro roçando de leve.

— Tudo bem aí embaixo? — perguntou ela, os olhos fixos no céu.

— Tudo, só estava me perguntando...

Eu havia assumido uma postura de cirurgião e cutucava a perna com polegares habilidosos.

— Ai!

— Desculpe!

— Me diga, doutor, o que está procurando exatamente?

— Estou tentando achar a parte que está doendo e depois apertando a região. Basicamente, quero ver se tem algum osso espetando a pele.

— E tem?

— Não, você está bem. Foi só uma torção.

— E eu vou voltar a dançar?

— Vai — falei —, mas só se você quiser *muito*.

Ela riu para o céu, e eu me senti tão encantador e satisfeito comigo

mesmo que também ri.

— Bem feito por ter usado — afirmou ela, puxando a saia jeans até os joelhos. — Vaidade. Que idiota. É melhor eu voltar. Pode soltar meu pé agora.

De maneira abrupta demais, larguei o pé dela e fiquei parado, estupidamente, enquanto ela tentava se levantar.

— Será que você poderia...?

Eu a puxei para que se levantasse e segurei sua mão enquanto ela testava o tornozelo, apoiando o pé no chão, se contorcendo de dor outra vez e voltando a testar. Tentei observá-la enquanto olhava para o outro lado. Ela era um pouco mais baixa do que eu, mas não muito, a pele clara, o cabelo preto e curto, porém com uma franja mais comprida que ela pôs atrás da orelha, cuidadosamente raspado na nuca, deixando a curva do crânio mais exagerada, tornando o corte, de alguma forma, austero e glamoroso ao mesmo tempo, uma Joana d'Arc recém-saída do salão. Acho que nunca havia notado a parte de trás da cabeça de alguém. Brincos pequenos e pretos, com dois buracos extras em cada orelha para ocasiões especiais. Como eu tinha dezesseis anos, deixei os olhos desfocarem para disfarçar o fato de estar olhando para os seios dela, confiante de que nenhuma menina tinha notado aquele truque antes. Adidas, diziam eles, em uma camiseta amarela com mangas muito curtas, pela qual dava para ver, na pele macia do alto do braço da garota, a cicatriz da BCG, uma covinha entalhada como as marcas de uma moeda romana.

— Ei? Vou precisar de ajuda.

— Você consegue andar?

— Consigo pular, mas não vai dar certo.

— Quer que leve você de cavalinho? — perguntei, me

arrependendo do “cavalinho”. Devia haver um termo mais durão. — Ou, sei lá, posso levar você no ombro.

Ela olhou para mim, e eu me empertiguei um pouco.

— Tipo um *bombeiro*?

— Sou mais alto que você!

— Mas eu sou... — Ela puxou a saia para baixo — mais densa. Você consegue levantar o próprio peso?

— Claro! — falei, antes de me virar e oferecer as costas suadas, fazendo com o polegar um gesto de carona.

— Não. Não, isso seria muito estranho. Mas se você não se importar de eu me apoiar em você...

Em um gesto arrojado que eu nunca havia feito e nunca mais fiz, ergui o cotovelo para o lado e o indiquei com a cabeça, a mão no quadril feito um participante de uma dança tradicional.

— Ah, muito agradecida — disse ela, antes de começarmos a andar.

O barulho da grama alta parecia estranhamente amplificado, e procurar uma trilha mais aberta me dava menos oportunidades de me virar e olhar para ela, apesar de isso já parecer uma compulsão. Ela andava com a franja escondendo o rosto, encarando o chão, mas, em alguns momentos, vi que seus olhos eram azuis, de um tom de azul ridículo — será que eu já havia notado a cor dos olhos de alguém com tanta precisão? —, e a pele em torno deles também tinha um toque azulado, parecido com o resto da maquiagem da noite anterior, marcada por risadas ou dores enquanto...

— Ai! Ai, ai, ai.

— Tem certeza de que não posso carregar você?

— Você está *muito* a fim de carregar alguém.

Havia algumas espinhas na testa e no queixo dela, espremidas ou

muito mexidas, e sua boca parecia muito larga e vermelha em contraste com a pele clara, com o relevo de uma cicatriz pequena no lábio inferior, uma dobra, como se alguém o tivesse consertado, a boca sempre rígida como se ela fosse começar a rir, ou xingar, ou ambas as coisas, como estava fazendo naquele instante, o tornozelo virado para o lado feito uma dobradiça.

— Eu posso mesmo carregar você.

— Acredito.

Logo vimos o portão que dava para o jardim, a casa absurda ainda maior e mais intimidante. Eu perguntei:

— Você mora aqui?

— Aqui?

Ela riu com o rosto todo, despreocupada. Um dos meus menores preconceitos era uma desconfiança e um ressentimento em relação a pessoas com dentes muito bonitos: todo aquele vigor e saúde pareciam um tipo de exibição. Os dentes daquela menina, notei, eram salvos da perfeição por uma pequena falha no incisivo da esquerda, feito o canto dobrado de uma página.

— Não, eu não *moro* aqui.

— Achei que talvez elas fossem da sua família, as pessoas que estavam atrás de você.

— É, elas fazem muito isso, eu, meu pai e minha mãe, sempre que vemos um campo...

— Bom, eu não conheço...

— Era uma brincadeira boba. É uma longa história. — E mudando de assunto: — O que você estava fazendo aqui mesmo?

— Lendo. É só um lugar legal para ler.

Ela assentiu, cética.